

## DA LEITURA À AUTORIA: O JORNAL COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EJA

Mayara de Andrade Calqui <sup>1</sup>

### RESUMO

Este relato apresenta a experiência pedagógica com o jornal “Vozes da EJA”, elaborado por estudantes da Educação de Jovens e Adultos como estratégia de letramento em aulas de Língua Portuguesa. A proposta teve como eixo temático “Trabalho e Direitos Sociais” e articulou conteúdos das diferentes áreas do conhecimento, promovendo a produção textual em diversos gêneros e respeitando os níveis distintos de aprendizagem dos educandos. A atividade visou ampliar o repertório cultural, promover o protagonismo discente e fortalecer vínculos de pertencimento à escola. A metodologia baseou-se na composição coletiva de um jornal temático, em que cada termo trabalhou com um gênero textual específico: poemas, notícias, entrevistas e reportagens. Os textos foram produzidos a partir de reflexões propostas em sala de aula e experiências pessoais dos estudantes. O jornal foi lançado em um sarau aberto à comunidade, momento em que os alunos se reconheceram como autores e compartilharam suas produções. A fundamentação teórica apoia-se em Paulo Freire (2011), ao valorizar o educando como sujeito do processo de aprendizagem e na concepção de letramento social de Soares (2004) e Rojo (2004), compreendendo a leitura e a escrita como práticas sociais. O projeto também dialoga com Capucho (2012) ao propor um currículo integrado, contextualizado e sensível à realidade dos estudantes da EJA. Os resultados evidenciaram avanços na leitura e na escrita, com destaque para o reconhecimento de diferentes gêneros textuais e para o desenvolvimento da autonomia e da criticidade dos educandos. A prática revelou-se potente para consolidar aprendizagens e fomentar o letramento como instrumento de participação social.

**Palavras-chave:** Letramento, Gêneros textuais, Educação de Jovens e Adultos.

### INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) configura-se como um campo marcado por especificidades que incidem diretamente sobre o processo de ensino e aprendizagem, sobretudo no que se refere aos percursos interrompidos, às trajetórias laborais precoces, à diversidade etária e às experiências reiteradas de exclusão escolar que compõem o histórico de grande parte dos estudantes. Nas turmas noturnas do Centro Público de Formação Profissional Miguel Arraes, em Santo André (SP), esse cenário se evidencia cotidianamente: muitos educandos chegam após longas jornadas de trabalho; outros conciliam estudos com responsabilidades familiares, desemprego ou atividades informais. Há ainda aqueles cuja

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo – USP, [mayaracalqui@gmail.com](mailto:mayaracalqui@gmail.com).





relação com a escola foi marcada pela descontinuidade, pela sensação de fracasso ou pela percepção de que os conteúdos escolares, em outros momentos da vida, não dialogavam com suas necessidades concretas. Essas características exigem práticas pedagógicas que acolham tais trajetórias, reconheçam saberes prévios e atribuam sentido social às atividades escolares, de modo a fortalecer a autoestima e o vínculo dos estudantes com a instituição.

Nesse contexto, a leitura e a escrita assumem papel central não apenas como objetos de ensino, mas como práticas sociais capazes de reposicionar o educando em seu lugar de pertencimento e de participação no mundo. Em diálogo com Paulo Freire (2011; 2020), compreende-se que ensinar jovens e adultos implica reconhecer o educando como sujeito de sua aprendizagem e de sua história, tomando sua leitura de mundo como ponto de partida para qualquer intervenção pedagógica. Para Freire, a passagem da “leitura ingênua” para uma leitura mais crítica demanda práticas que articulem a palavra e a ação, permitindo que os sujeitos compreendam e intervenham na realidade que os cerca.

A perspectiva freireana converge com as concepções de letramento social formuladas por Soares (2004) e Rojo (2004), para quem ler e escrever ultrapassam o domínio de habilidades técnicas e envolvem a participação em práticas sociais diversas. O letramento implica transformação do lugar social do indivíduo, inserindo-o em novas formas de interação, circulação cultural e exercício da cidadania. Em uma modalidade marcada historicamente pela exclusão, como a EJA, favorecer o acesso a práticas significativas de leitura e escrita constitui uma estratégia essencial de inclusão e de fortalecimento identitário.

Além disso, a proposta dialoga com a noção de currículo integrado discutida por Capucho (2012), que enfatiza a relevância de organizar os conteúdos escolares a partir de temas geradores e da realidade dos estudantes, favorecendo aprendizagens contextualizadas e interdisciplinares. Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas deixam de ser fragmentadas e passam a envolver diversas áreas do conhecimento, aproximando-se dos interesses, inquietações e experiências dos educandos. O trabalho coletivo entre docentes, por sua vez, amplia possibilidades de articulação e contribui para que a escola se configure como espaço de produção cultural e de circulação de discursos.

Foi a partir desse conjunto de fundamentos teóricos e das observações do cotidiano escolar que surgiu a proposta de elaboração do jornal “Vozes da Educação de Jovens e Adultos”, concebido como estratégia de letramento e de reconhecimento dos estudantes como autores. O projeto desenvolveu-se de 2017 a 2019, com publicações semestrais, chegando a cinco edições ao longo desse período. Neste relato, toma-se como exemplo a terceira edição, tendo como eixo temático “Trabalho e Direitos Sociais”, tema escolhido coletivamente como





mote para o semestre letivo, com base nas discussões suscitadas pelos próprios educandos e nas especificidades da comunidade escolar. A produção do jornal envolveu todas as turmas da EJA do Ensino Fundamental II, cada uma responsável por um gênero textual – poemas, notícias, entrevistas e reportagens – o que permitiu integrar conteúdos da área de Língua Portuguesa a conhecimentos históricos, sociais e artísticos mobilizados ao longo do semestre.

A elaboração do jornal, e sua publicação em um sarau aberto à comunidade, configurou-se como oportunidade de ampliação do repertório cultural, consolidação de aprendizagens linguísticas e fortalecimento do protagonismo discente. Mais do que desenvolver habilidades de leitura e escrita, buscou-se instaurar um espaço de autoria, em que os estudantes pudessem ver-se como produtores de cultura, ressignificando a relação com a escola e com a própria trajetória formativa. O presente relato de prática descreve os fundamentos, o percurso metodológico e os resultados dessa experiência, evidenciando sua potência formativa na EJA.

## **METODOLOGIA**

Cada edição do jornal “Vozes da Educação de Jovens e Adultos” foi desenvolvida ao longo de um semestre letivo, envolvendo as turmas de 1º a 4º Termo da EJA do Ensino Fundamental II do Centro Público de Formação Profissional Miguel Arraes. Em seu terceiro número, tomado aqui como exemplo, a intervenção partiu da perspectiva do currículo integrado e teve como eixo articulador o tema “Trabalho e Direitos Sociais”, definido coletivamente a partir de uma dinâmica inicial de escuta realizada com os estudantes. Nesse momento, foram reunidas inquietações relacionadas às condições de trabalho, ao acesso a direitos, às desigualdades sociais e às vivências concretas dos educandos, que frequentemente remetiam a trajetórias marcadas por interrupções escolares, deslocamentos entre empregos e responsabilidades familiares. A partir dessas discussões, o corpo docente definiu o tema central do semestre e passou a orientar as atividades das diferentes áreas do conhecimento para que dialogassem com essa escolha.

A metodologia do projeto estruturou-se em um percurso contínuo que incluiu sensibilização, estudo dos gêneros textuais, planejamento coletivo, produção escrita e socialização das produções. Inicialmente, cada turma participou de conversas sobre o eixo temático, ocasião em que se buscou identificar tanto os conhecimentos prévios relativos aos direitos sociais quanto as representações que tinham sobre os gêneros textuais que seriam estudados. Esse movimento permitiu a formação de grupos heterogêneos, compostos de





acordo com o nível de proficiência, interesses comuns e necessidades específicas de aprendizagem, de modo a favorecer a colaboração entre os educandos.

Após essa etapa inicial, teve início o estudo dos gêneros textuais que seriam abordados por cada termo. O 1º Termo trabalhou com poemas; o 2º, com notícias; o 3º, com entrevistas; e o 4º, com reportagens. Em todas as turmas, as aulas priorizaram a leitura e a análise de textos autênticos, tanto de repertórios literários e jornalísticos quanto de materiais produzidos localmente, como coletâneas municipais. Buscou-se compreender a função social dos textos, suas características composicionais, o estilo e a linguagem, de modo que os estudantes reconhecessem as especificidades de cada gênero e pudessem, posteriormente, mobilizá-las em suas produções. A análise comparativa entre textos de diferentes naturezas e suportes permitiu ampliar repertórios e evidenciar que práticas de leitura e escrita podem assumir usos diversos no cotidiano. Considerando a continuidade do projeto, parte significativa do educandos teve a oportunidade de participar do jornal em etapas diferentes de elaboração, de modo que estiveram envolvidos em partes distintas de sua produção, a cada semestre. Além disso, as edições contavam com mural de fotos, valorizando eventos ocorridos na unidade escolar, e seção de classificados, divulgando serviços e produtos oferecidos pelos próprios estudantes.

A etapa seguinte concentrou-se no planejamento das produções. Em diálogo com os professores das demais áreas, foram selecionados temas específicos dentro do eixo central, garantindo a interdisciplinaridade do trabalho. Os grupos realizaram pesquisas orientadas, participaram de rodas de conversa, assistiram a vídeos, levantaram perguntas para entrevistas, selecionaram imagens e discutiram possibilidades de abordagem para os textos. Ao longo desse processo, a sala de informática foi utilizada para orientar pesquisas e familiarizar os estudantes com a digitação e com a organização gráfica dos textos. Essa etapa se mostrou fundamental para promover autonomia e estimular a postura investigativa dos educandos.

O momento de produção escrita constituiu-se como um processo de elaboração contínua. Os estudantes produziram versões preliminares de seus textos, que foram lidas, discutidas e revisadas em sala. As reescritas, feitas de forma sucessiva e com intervenções da professora, visavam a melhorar a estrutura textual, ampliar repertórios vocabulares e favorecer a adequação ao gênero estudado. Em alguns casos, como nas entrevistas, os grupos realizaram transcrições de gravações produzidas em sala, o que exigiu também discussões sobre marcas da oralidade e adequações necessárias à versão final. Nesse percurso, a autoria foi sendo construída de modo gradual, à medida que os estudantes percebiam avanços nas próprias produções.





A publicação do jornal ocorreu ao final do semestre, após a organização das seções, a diagramação e a revisão final dos materiais. O processo foi finalizado em um sarau aberto à comunidade escolar, que contou com apresentações de poemas, leituras de trechos de notícias, entrevistas e reportagens, além de intervenções musicais coordenadas pelo professor de Artes. O evento funcionou como momento de socialização e celebração do trabalho realizado, permitindo que os estudantes se reconhecessem como autores e compartilhassem suas produções com familiares e convidados. Algumas fotografias do evento e trechos do jornal estão disponíveis para apreciação como anexos deste relato.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados alcançados ao longo do projeto evidenciam transformações significativas tanto no domínio das práticas de leitura e escrita quanto no fortalecimento identitário e na participação social dos educandos. A evolução observada nas produções textuais e nas interações em sala reflete o potencial das práticas de letramento social, tal como discutido por Soares (2004) e Rojo (2004), ao promover situações reais de uso da língua escrita em contextos significativos, capazes de ampliar as formas de inserção cultural dos sujeitos. A cada semestre, foi possível notar que os estudantes passaram a compreender mais claramente a função social dos gêneros trabalhados, reconhecendo-os como práticas sociais vinculadas ao cotidiano, ao mundo do trabalho e às formas de expressão e comunicação presentes em seus próprios contextos.

No campo da leitura, verificou-se um avanço progressivo na autonomia interpretativa. As primeiras atividades revelaram dificuldades relacionadas à decodificação, ao vocabulário e à formulação de inferências. Entretanto, conforme as aulas avançavam e novas leituras eram realizadas – literárias, jornalísticas ou de textos produzidos pelos próprios colegas –, os estudantes demonstraram maior segurança para emitir opiniões, levantar hipóteses e estabelecer relações entre texto e realidade. Tal processo de ampliação interpretativa reflete o que Freire (2011) denomina passagem de uma “leitura ingênua” para uma leitura mais crítica, fundamentada na problematização da realidade e na articulação entre experiência e palavra escrita.

Em relação à escrita, o percurso de produção e reescrita revelou ganhos sensíveis. Mesmo entre grupos que inicialmente apresentavam grande insegurança, os textos finais demonstraram maior domínio da estrutura dos gêneros, atenção à coerência interna e ampliação do repertório vocabular. O trabalho com poemas no 1º Termo, por exemplo,







mostrou que educandos com fragilidades na escrita convencional foram capazes de produzir textos sensíveis, expressivos e relacionados às discussões sobre direitos sociais. No 2º Termo, os estudantes conseguiram estruturar notícias com clareza e objetividade, incorporando elementos típicos do gênero, como lide, manchetes e uso informativo das imagens. No 3º Termo, o processo de transcrição das entrevistas provocou reflexões importantes sobre a diferença entre linguagem oral e escrita, possibilitando intervenções que aprimoraram a fluidez dos textos. Já o 4º Termo produziu reportagens bem articuladas, incorporando dados, entrevistas breves e explicações sobre os temas pesquisados.

Além dos aspectos linguísticos, observaram-se impactos relevantes no campo da autoimagem e do pertencimento escolar. Muitos estudantes manifestaram, no início do projeto, percepções negativas sobre suas capacidades, expressas em comentários como “não sei escrever” ou “não tenho cabeça para estudar”, marcadas por experiências de fracasso escolar anteriores. Entretanto, ao longo do processo de escrita e, especialmente, no momento de revisão coletiva e publicação, emergiram sentimentos de confiança e valorização do próprio trabalho. O reconhecimento público da autoria – sobretudo durante o sarau de lançamento, quando os educandos procuravam ansiosamente seus textos no jornal para mostrá-los a convidados – representou um marco simbólico importante, reforçando a dimensão identitária do letramento social e do currículo integrado.

Outro resultado expressivo foi o fortalecimento do protagonismo discente. A participação ativa em debates, a divisão de tarefas nos grupos, a condução de entrevistas, a responsabilidade pela escrita e reescrita dos textos e a organização do sarau configuraram práticas que colocaram os educandos no centro do processo formativo. Essa postura ativa materializa a concepção freireana do estudante como sujeito da aprendizagem, capaz de produzir cultura e intervir criticamente no mundo (FREIRE, 2020). Do ponto de vista pedagógico, o envolvimento crescente dos alunos demonstrou que o planejamento coletivo e a articulação interdisciplinar favorecem a construção de sentidos e a motivação para a aprendizagem.

As dificuldades enfrentadas também contribuíram para a reflexão sobre a prática. A evasão, característica recorrente da EJA, impactou a composição de alguns grupos, exigindo reorganizações ao longo do semestre. A resistência inicial à proposta – especialmente entre aqueles que demonstravam pouca familiaridade com projetos coletivos ou com atividades consideradas “diferentes” – foi sendo gradualmente superada à medida que os educandos compreenderam os objetivos do trabalho e perceberam sua própria evolução. Esse movimento reforça a necessidade de práticas pedagógicas que ofereçam desafios possíveis e que



explicitem o sentido social das atividades, evitando que a escola seja percebida apenas como espaço de cumprimento de tarefas.

Por fim, o projeto contribuiu para consolidar práticas relacionadas ao currículo integrado, na medida em que promoveu diálogos entre as áreas de conhecimento e permitiu que os estudantes estabelecessem relações entre seus relatos pessoais, as discussões teóricas e os gêneros textuais estudados. Essa articulação favoreceu a compreensão de temas complexos, como direitos sociais, cidadania e condições de trabalho, a partir das próprias vivências dos educandos, confirmando as proposições de Capucho (2012) sobre a importância de organizar o ensino por temas significativos e socialmente relevantes.<sup>2</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de construção do jornal “Vozes da Educação de Jovens e Adultos” evidenciou a potência das práticas de letramento social para a formação de educandos da EJA, especialmente quando articuladas a um currículo integrado e ancoradas em fundamentos teóricos que reconhecem o estudante como sujeito ativo de sua aprendizagem. O percurso desenvolvido ao longo do semestre demonstrou que a leitura e a escrita, quando inseridas em situações reais de uso, favorecem não apenas o domínio de habilidades linguísticas, mas também a ampliação do repertório cultural, o fortalecimento da autonomia e a construção de identidades positivas no espaço escolar.

A elaboração do jornal permitiu que os educandos experimentassem um processo de autoria que extrapolou a dimensão técnica da escrita, alcançando implicações simbólicas e sociais. Ao produzir poemas, notícias, entrevistas e reportagens, os estudantes puderam analisar criticamente o mundo, relacionar suas experiências ao tema dos direitos sociais e reconhecer-se como participantes legítimos de práticas culturais. O sarau de lançamento do jornal consolidou esse movimento, tornando visível, para a comunidade escolar e para os próprios autores, o valor das produções desenvolvidas ao longo do semestre.

Os resultados alcançados apontam para a relevância de projetos que articulem diferentes áreas do conhecimento, dialoguem com a realidade concreta dos educandos e promovam situações de autoria e participação social. Tais práticas contribuem para reduzir a distância entre a escola e as demandas da vida cotidiana, além de combater a percepção de inadequação ou incapacidade que muitas vezes acompanha estudantes da EJA. Nesse sentido,

---

<sup>2</sup> O projeto não teve a continuidade prevista em razão das mudanças no cotidiano escolar decorrentes da pandemia de Covid-19, iniciada em março de 2020.



o projeto reafirma a importância de metodologias que considerem trajetórias diversas, valorizem saberes prévios e incentivem a construção de vínculos de pertencimento.

Embora desafios tenham sido enfrentados – como a evasão, a heterogeneidade das turmas e a insegurança inicial de alguns participantes –, o processo de trabalho demonstrou que a persistência, a escuta atenta e o planejamento coletivo podem transformar essas dificuldades em oportunidades de aprendizagem. O envolvimento progressivo dos educandos, sua participação ativa nas etapas do projeto e o entusiasmo demonstrado no momento da publicação indicam que a experiência foi significativa e formadora.

## ANEXOS

### Anexo 1 – Capa do jornal “Vozes da Educação de Jovens e Adultos”



### Anexo 2 – Página interna: notícia





## Alunos do CPFP Miguel Arraes visitam a sala São Paulo

Alunos e professores participam do programa Descubra a Orquestra na sala São Paulo

O programa educacional "Descubra a Orquestra na Sala São Paulo" acontece para que os alunos da rede pública entrem em contato com a Orquestra Sinfônica. O professor Rogério Alves Oliveira fez um curso de formação e inscreveu o Centro Público de Formação Profissional Governador Miguel Arraes para o passeio na Sala São Paulo. No dia 19 de outubro de 2018, sexta-feira, a unidade escolar se mobilizou e alugou um ônibus para levar os alunos e professores.

Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a Orquestra Sinfônica na Sala São Paulo e tiveram a honra de conhecer os sons dos instrumentos separadamente, por exemplo, Tímpano, Tam-Tam, Trompete, Pratos, Trompa, Trombone, entre outros.



Sessão registrando a sala à Sala São Paulo

O aluno José Antônio da Silva participou do evento e diz que gostou muito das apresentações. Um instrumento específico foi marcante para ele: "Eu gostei do Violino, porque o som dele começa tranquilo e fica crescente, isso me chamou atenção".

André S. do Carvalho, Edvaldo Carril, José Antônio da Silva, Mircio Roque, Maria das Graças Fernandes

## Experiência de fotossíntese causa impacto no Centro Público Governador Miguel Arraes

Alunos ficam perplexos com a demonstração da fotossíntese em aula

Na segunda-feira, 22 de outubro de 2018, ocorreu a experiência da fotossíntese no Centro Público Governador Miguel Arraes. O professor Douglas Donizeti fez uma demonstração de fotossíntese na sala de aula.



Registro do experimento na aula de Ciências

Em um Becker com água e uma quantidade de Bicarbonato de Sódio, o professor Douglas foi colocando as folhas, que foram iluminadas por uma lâmpada, representando o sol. O aluno Robson Thierry ficou surpreso com a experiência que viu: "Foi mesmo incrível. Em questão de segundos, foi possível ver as bolhas nas folhas, que a cada instante apareciam cada vez mais preenchendo todas elas".

Em suas aulas teóricas, o professor procura esclarecer os alunos sobre todas as experiências de uma maneira agradável e, de acordo com eles, "Com os seus desenhos magníficos, faz cada aula muito importante".

Célia Marinho Rodrigues, Bernardete Guilherme da Silva, Robson Thierry Lima da Cruz

## Anexo 3 – Página interna: entrevista

### Benefício LOAS é concedido para pessoas idosas e especiais

Elisabete Cristina, mãe de Thiago, beneficiado pelo LOAS há 23 anos, conta sua história de lutas por direitos

O Benefício de Prestação Continuada LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social) é pago pela Previdência Social, garantindo um salário mínimo mensal para pessoas que não possuem meios de prover a própria subsistência. São destinadas, também, às pessoas com deficiência que estejam impossibilitadas de participar e se inserir na sociedade.

Elisabete Cristina Dos Santos, dona de casa, vive para os cuidados do filho Thiago Ramalho dos Santos, de 35 anos, que recebe o benefício há 23 anos. Hoje, Elisabete luta para adquirir o direito de transporte gratuito para o filho.



Foi difícil pra você ter acesso ao benefício?

Existe uma renda per capita máxima que tem que ter, a primeira exigência deles é essa. Como na época eu era separada do meu marido, era só eu, o Thiago e minha filha, consegui entrar.

A sua vida pessoal teve alguma mudança com a chegada do Thiago?

Mudança tem na vida de qualquer mãe que tem filho especial. A gente tem que correr atrás do que tem direito em relação a tudo: financeiramente, médico, saúde... Houve muitas mudanças, sim, muitas coisas eu tive

que deixar de lado da minha vida pessoal para poder cuidar dele.

Ninguém ofereceu ajuda a vocês?

De maneira alguma. A gente que tem que correr atrás sempre. É muita exigência e nada vem fácil. Dizem que o governo ajuda, mas é mentira, isso é mentira.

Com o impeachment da Presidente Dilma Rousseff e a entrada do Presidente Michel Temer foram propostas várias reformas, como a trabalhista e da previdência. Alguma dessas mudanças afetou o recebimento de algum benefício?

Sempre afeta. O Thiago tem direito a um salário mínimo e não tem direito a voto. Houve uma época que o governo quis suspender o LOAS porque diziam que estavam tendo muito gasto para o governo. Então agente luta e corre atrás dos nossos direitos, mas pelo menos eles nunca atrasaram nenhum benefício. A única exigência é comparecer no INSS com ele.

Você já teve que entrar na justiça para adquirir algum benefício?

O único benefício que eu já entrei na justiça, e que já teve muita briga, mas está parado até hoje, é em relação ao transporte. É muito difícil para levá-lo até São Paulo para a AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente). Eu e meu marido trabalhamos e ele não pode ficar faltando. A briga é constante, não só minha como de várias mães que têm filhos especiais que moram aqui na região do ABC. Nunca tem condição de levar nossos filhos para AACD, e quando agente consegue é assim: 5:00 eles pegam e vai buscar só no fim do dia às 18:00. O fato de ele ser cadeirante dificulta muito.

Como a senhora é recebida nos hospitais e escolas? A senhora nota alguma diferença das pessoas com vocês?

De maneira alguma. Em primeiro lugar eles cuidam dos pais, para depois cuidarem dos filhos, porque muitas vezes a gente precisa mais de uma terapia do que eles. Na escola não tem o que eu reclamar, porque ele é muito bem tratado e cuidado.

Elisabete dos Santos, Glória da Silva, Jaelma dos Santos, Luis Matheus da Silva, Sílvia da Silva



## Anexo 4 – Página interna: poemas

Os poemas a seguir foram escritos pelos educandos do 1º Termo, inspirados nas imagens que os acompanham:

### Medo do escuro

Do lado de fora  
Me sinto uma semente a florescer,  
Me vejo como a flor mais linda  
A desabrochar.

Longe daqui não tenho medo  
Se me perguntam "medo do quê?"  
Eu tão pequena,  
Quase uma semente,  
Respondo: "medo do escuro!"

Quando as luzes se apagam,  
Ouço a voz e logo vem a dor  
Então eu tento gritar por mamãe,  
Mas ele me tira a voz

E então eu espero  
Que o escuro vá embora  
E que o sol volte a nascer

Espero voltar a me sentir  
Como uma flor novamente,  
O medo não estará mais presente

Antes mesmo que volte a escuridão,  
Que eu possa ser salva por algum sol  
E que, desta vez, saia este grito  
Que por muito foi reprimido.

Clecia Lima Barbosa



Quem é essa mulher?  
Sua mãe?  
Ou será sua irmã?  
Quem será?  
É a mãe de alguém...  
É a mãe de quem?

Quem se importa  
Com a dor dessa mulher?  
Dor calada, molhada de lágrimas  
Escondida e triste é essa mulher  
Quem se importa com essa mulher?

Não, não é minha mãe,  
Nem minha irmã  
São as mulheres  
Apáticas e abandonadas  
Como tantas por aí  
Aí, aqui, ali...  
Com os braços a se proteger  
Luzinete Pereira dos Santos, Lurdesdo Carmo  
Cossa Cabral, Maria Aparecida de Almeida

Num certo lugar,  
Meninos chorando  
De fome e fraqueza,  
Mal se aguentam em pé

Quem são esses meninos?  
São invisíveis?  
Parecem que ninguém os vê.  
São ignorados diariamente.

Lurdes do Carmo Cossa Cabral

## Anexo 5 – Registro dos exemplares impressos do jornal “Vozes da Educação de Jovens e Adultos”, lançados durante o Sarau





## Anexo 6 – Educandos produzindo textos em duplas

IX Seminário Nacional do PIBID



## REFERÊNCIAS

CAPUCHO, Vera. **Educação de Jovens e Adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania.** São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam.** 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 22).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 63. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

